

UMA AUSÊNCIA HISTÓRICA: MULHERES NA CALIFÓRNIA DA CANÇÃO NATIVA DO RIO GRANDE DO SUL

RITA MAUCH¹; LEANDRO MAIA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – ritamauchcantora@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – leandromaia.ufpel@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este estudo aborda a análise da representatividade da mulher gaúcha e da desigualdade de gêneros, com ênfase no reduzido número de participantes femininas entre os intérpretes vocais das obras apresentadas como finalistas das edições da Califórnia da Canção Nativa do Estado do Rio Grande do Sul. Este, que foi o primeiro festival dedicado à produção de música regional no Rio Grande do Sul e revolucionou o cancionero do estado, dando origem à chamada música nativista, possibilitando uma verdadeira transformação na cena musical, antes tradicionalista. Inobstante, aos que o assistem, é notória a massiva presença masculina nos palcos, fazendo com que nos propuséssemos a estudar a aparente invisibilidade da mulher gaúcha no certame, como tema do Trabalho de Conclusão de Curso no Bacharelado em Música – Canto, da Universidade Federal de Pelotas.

O objetivo da pesquisa centrou-se em encontrar dados fiáveis que permitissem visualizar como efetivamente foi a participação feminina, assim como possibilitar um lugar de fala e de visibilidade a algumas artistas gaúchas que romperam a hegemonia masculina neste espaço de produção musical, e se classificaram entre as músicas finalistas, na condição de intérprete, em alguma das 46 (quarenta e seis) edições já realizadas deste certame, em Uruguaiana, RS, desde 1971, quando ocorreu sua primeira edição.

Para responder à pergunta chave de “Por que somos tão poucas, se somos muitas?”, buscou-se um diálogo entre Música e Gênero, partindo dos resultados encontrados nas metodologias escolhidas para, após, recorrer à autores que trouxeram conceitos como “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos [...] o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

Ainda, trabalhando com a perspectiva da Gerda Lerne, a ausência do feminino no âmbito do festival estudado, demonstra a presença de machismo, que é a “ideologia” de supremacia masculina, e de crenças que a suportem e sustentem (LERNER, 2019, p. 91). E, na sociedade brasileira, este é “estrutural, ou seja, intrínseco às instituições que a compõem, que justamente por integrarem uma sociedade com hábitos predominantemente machistas, acabam absorvendo suas características e reproduzindo seus comportamentos”. (GERVASONI, FONTANELLA, 2024, p. 171).

Nesta esteira, a repetição reiterada de uma conduta machista, acaba por ser entendida como uma tradição e, “[...] ao longo do tempo, uma conduta machista poderá se tornar tão comum à população a ponto de ser confundida com uma tradição e vista como correta, e assim, consolidar-se dentro da comunidade”. (GERVASONI, FONTANELLA, 2024, p. 171-172).

Destarte, buscou-se compreender as possibilidades de desconstrução de uma identidade feminina fruto do patriarcado, que, no entanto, comumente é replicada por suas congêneres.

2. METODOLOGIA

O trabalho utilizou de coleta de dados e levantamentos, entrevistas e uso de referencial teórico sobre o assunto, fundamentando o diálogo do objeto do estudo, música e gênero. Finalmente, a pesquisa também teve caráter autoetnográfico, pois a autora é cantora de música regional e artivista, e fala de próprio *locus* social, do grupo onde está inserida. Foi a seguinte a metodologia utilizada:

2.1. Coleta de dados e levantamentos:

- Levantamento das músicas finalistas de cada uma das 46 (quarentas e seis) edições já realizadas da Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul;
- Verificação numérica e percentual da participação efetiva de cantoras e cantores;
- Detalhamento dos resultados, com verificação de cantoras intérpretes de músicas que receberam a “Calhandra de Ouro” e apresentação destes em tabelas e gráficos, que permitam a visualização quantitativa das participações dos gêneros.

2.2 Entrevistas:

• As cantoras Fátima Gimenez, Kauanny Kleyn, Loma Pereira, Maria Helena Anversa, Maria Luísa Benitez, Marlene Castro, Nair Teresinha, Oristela Alves e Su Paz, responderam 5 perguntas iguais, com o intuito de propiciar lugar de fala à protagonistas da pesquisa e valorizar as representantes do feminino. Também a flautista Charlise Bandeira foi convidada a responder às seguintes perguntas:

1. Desde a criação do festival, como tem sido a participação feminina? Pode citar nomes de cantoras, compositoras e juradas que tenham atuado? Este assunto já chamou sua atenção?

2. Sabe se existe documentação das “Califórniias” realizadas? Algum arquivo com relação às músicas classificadas nas triagens, apresentadas em todas as noites, assim como de compositores, intérpretes e jurados? Se sim, sabe se está disponível para consulta pública?

3. Sobre os procedimentos de classificação e premiação. Ao longo do tempo, como ocorreram as triagens e definição de jurados e critérios? Algo a comentar?

4. Já observou ou observa a necessidade de promover a presença de artistas femininas nas edições da Califórnia da Canção Nativa, dado ao menor número de mulheres participantes, em comparação com a participação masculina ou de grupos?

5. Indicaria alguma outra pessoa para falar sobre as mulheres na Califórnia da Canção? Alguma outra informação ou opinião que gostaria de fornecer sobre este tema?

• Presença de cunho autoetnográfico, em razão da acadêmica ser compositora e cantora de música regional nativista, e permear o trabalho com suas percepções e narrativas.

2.3 Revisão bibliográfica

Uso referencial teórico sobre o assunto, fundamentando o diálogo do objeto do estudo, música e gênero.

Na busca de fundamentos que permitam validar ou levem a reavaliar esta percepção inicial, optou-se pelas abordagens qualitativa e quantitativa, entendendo que as duas metodologias oferecem meios complementares para abordar o problema apresentado, até porque

Muitas vezes, é possível partir de uma base quantitativa (objetiva) para construir uma interpretação qualitativa (subjetiva). Dados numéricos podem servir a leituras subjetivas, embora, geralmente, as abordagens qualitativas deem preferência a outros métodos que não são voltados para resultados quantificáveis e que já têm embutida a perspectiva de subjetividade, como é o caso das entrevistas quando realizadas segundo a perspectiva subjetivista. (FREIRE, 2010, p.26)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No levantamento realizado para a pesquisa, foram relacionadas as obras musicais que foram selecionadas para estar na noite final das edições da Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul, recebendo premiações e passando a fazer parte dos discos - enquanto foram gravados (até a 38ª edição) e, mais adiante, conforme a plataforma de streaming YouTube, blogs e redes sociais -, elencando-se 599 (quinhentos e noventa e nove) músicas e seus intérpretes vocais. Para ter clareza de quantas foram interpretadas por mulheres, considerou-se os seguintes formatos de performances: cantoras individuais, dupla feminina, dupla masculina, dupla mista, trio, quarteto, grupos vocais e cantores individuais.

O levantamento confirmou a hipótese da pesquisa, demonstrando que as mulheres estiveram, enquanto intérpretes vocais individuais, em apenas 58 (cinquenta e oito) das músicas finalistas, ou seja, em um percentual de 9,68% (nove vírgula sessenta e oito pontos percentuais), e o resultado foi apresentado em tabela.

Contudo, a diferença entre a presença masculina e feminina fica maior ainda se utilizar-se como variável a contagem individual dos artistas que fazem parte de duplas, trios e quartetos masculinos - considerando também o número de homens que compõem as duplas mistas -, em comparação com as mulheres que compõem a única dupla feminina e as que participam das duplas mistas. Nesta égide, propôs-se o exercício de decomposição destas formações para performance vocal, individualizando os componentes, para ter-se um número que posicione, ainda mais nitidamente, o descompasso entre as participações de cantoras e cantores, que foi apresentado na Tabela 2 do Trabalho de Conclusão de Curso.

Nesta última forma de cálculo, onde a variável a ser considerada é a efetiva composição dos gêneros nas formações encontradas no levantamento, com exceção dos grupos vocais (pelos razões já indicadas), fica evidenciado que o real percentual de homens, em face de mulheres, aumenta em 19,04% (dezenove vírgula zero quatro pontos percentuais). Isso, em um universo de 544 (quinhentos e quarenta e quatro) músicas, equivale a dizer que, aproximadamente, 480 (quatrocentos e oitenta) delas foram cantadas por homens, enquanto, enquanto apenas 64 (sessenta e quatro), aproximadamente, foram interpretadas vocalmente por mulheres.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa realizada confirmou a observação preliminar de que é escassa a presença de mulheres nos palcos da Califórnia. Já as entrevistas e a revisão de literatura apontaram para a influência de uma combinação de fatores culturais, sociais e históricos que perpetuam a desigualdade de gênero, como sendo prováveis causas destas significativas ausências no cenário musical tradicional gaúcho.

Ainda, nos diálogos articulados entre as artistas por meio das questões respondidas, se denota que pequena participação feminina não se limita à interpretação de músicas, mas também está em outras categorias relevantes, tais como composição e comissões julgadoras.

Por este se tratar de um trabalho de conclusão de curso em nível de graduação, impuseram-se limitações quanto à profundidade da abordagem do referencial teórico, que merece mais leituras e dedicado estudo por ser amplo e complexo. Quanto aos dados coletados, seria ideal que albergassem também o levantamento de compositores/as e jurados/as, mas tivemos que nos restringir, como já explicado, ao número de intérpretes vocais finalistas das 46 edições realizadas.

As possibilidades de continuação dessa pesquisa podem se dar de inúmeras formas. Primeiramente, ampliando a coleta de dados para realizar levantamentos do número de compositoras e juradas presentes na Califórnia, podendo ampliar também a amostragem para outros festivais nativistas gaúchos.

Ou seja, tanto através da ampliação e aprofundamento do escopo que esse trabalho já aborda, quanto através da adição de novos objetivos ou metodologias, são abertos caminhos potenciais para o prosseguimento da pesquisa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Vanda (org). **Horizontes da Pesquisa em Música**. 7 letras. Rio de Janeiro, 2010.

GERVASONI, T. A.; FONTANELLA, J. P. Machismo Estrutural no Judiciário Brasileiro: uma Análise Crítica sobre a Violação de Direitos de Mulheres perante Demandas Judiciais em que são Vítimas de Crimes. **Revista da Faculdade de Direito do Sul de Minas**, [S. I.J, v. 40, n. 1, 2024. Disponível em: <https://revista.fdsu.edu.br/index.php/revistafdsu/article/view/713>. Acesso em: 18 fev. 2025.

MAUCH, Rita de Cássia Pereira da Silva. **Mulheres na Califórnia da Canção Nativa do Estado do Rio Grande do Sul**. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Bacharelado em Música – Canto), Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2025. Orientador: Prof. Dr. Leandro Ernesto Maia.

SCOTT, Joan. Gênero: **Uma Categoria Útil Para A Análise Histórica. EDUCAÇÃO E REALIDADE**. Porto Alegre, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 19 fev. 2025.